

Suplemento para quem?: um panorama do *Suplemento Literário de Diretrizes*

A supplement for whom?: an overview of the Diretrizes' Literary Supplement

¿Suplemento para quién?: un panorama del Suplemento Literario de Diretrizes

Joëlle ROUCHOU¹
Yuri Barbosa RESENDE²

Resumo

Em outubro de 1939, a revista *Diretrizes* (1938-1944) lançou seu suplemento literário, um fascículo à parte da edição regular, voltado à discussão de tópicos culturais e com ênfase no mundo das letras. Neste artigo, examinamos, de forma panorâmica, o conteúdo e o corpo de colaboradores do *Suplemento Literário de Diretrizes*, além de propomos algumas reflexões: quais seriam os ganhos obtidos pelo editor com essa iniciativa? Como a composição do *Suplemento* reflete o estabelecimento de redes de sociabilidade em torno do periódico? Argumentamos, em síntese, que o *Suplemento* operava a partir de uma dinâmica baseada no tripé jornalista-escritor-editor, a qual ensejava oportunidades e reflexões aos intelectuais que compunham a redação.

Palavras-chave: revista *Diretrizes*; suplementos literários; Samuel Wainer; Estado Novo; intelectuais.

Abstract

¹ Jornalista com mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995) e doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003). Professora do Programa de Pós-graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa. Autora de *Noites de verão com cheiro de jasmim* (FGV, 2008). E-mail: joellerouchou@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7729-4930>.

² Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense, mestre em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2021) e bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2019). E-mail: ybresende@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9592-4510>.



October 1939, *Diretrizes* magazine (1938–1944) launched its literary supplement, a separate booklet from the regular edition, dedicated to the debate of cultural topics, with an emphasis on literature. In this article, we take a panoramic look at the content and group of contributors to the *Diretrizes' Literary Supplement* and propose some reflections: what were the potential benefits acquired by the editor through this initiative? How does the organization of a supplement reflect the establishment of social networks with which the editor sought to engage? In short, we argue that the *Supplement* fostered a dynamic that offered opportunities and insights to the intellectuals involved in its production.

Keywords: *Diretrizes* magazine; literary supplements; Samuel Wainer; Estado Novo; intellectuals.

Resumen

En octubre de 1939, la revista *Diretrizes* (1938-1944) lanzó su suplemento literario, un fascículo aparte de la edición regular, destinado a la discusión de temas culturales, con énfasis en el mundo de las letras. En este artículo examinamos, de manera panorámica, el contenido y el cuerpo de colaboradores del *Suplemento Literario de Diretrizes* y proponemos algunas reflexiones: ¿cuáles serían los beneficios obtenidos por el editor con tal iniciativa? ¿Cómo refleja la composición del *Suplemento* el establecimiento de redes de sociabilidad con las que el editor busca articularse? En suma, argumentamos que el Suplemento fomentaba una dinámica que generaba oportunidades y reflexiones para los intelectuales presentes en la redacción.

Palabras clave: revista *Diretrizes*; suplementos literarios; Samuel Wainer; Estado Novo; intelectuales

Introdução

Ao transpor para o papel suas memórias do final da década de 1930, Jorge Amado relatou a penúria que enfrentava mesmo já sendo, àquela altura, reconhecido como um dos mais importantes escritores do país: “Tempos bicudos, pobre de Jô, sou redator-chefe de Dom Casmurro, (...) o cargo não me rende vintém furado. Tampouco o de redator de *Diretrizes* (...). Vivo de biscates” (Amado, 1992, p. 167). Com efeito, essa realidade era experienciada por muitos dos seus contemporâneos, isto é, homens de letra que encontravam nas redações de periódicos um meio de garantir a subsistência naqueles “tempos bicudos” de Segunda Guerra Mundial e prevalência do autoritarismo no Brasil.

Uma dessas redações era a de *Diretrizes*, uma revista fundada em abril de 1938. Embora tenha sido concebida pelo veterano jornalista Azevedo Amaral como um espaço na imprensa de apologia ao Estado Novo, ela adquiriu, sob a direção de Samuel Wainer, orientação antifascista, nacionalista e liberal-democrática.



Doravante, *Diretrizes* notabilizar-se-ia não apenas por essa linha editorial audaciosa em tempos de censura estado-novista, mas também pela amálgama dos gêneros jornalístico e literário em suas páginas.

Em outubro de 1939, um ano após assumir o controle da revista e no mês seguinte à eclosão da Segunda Guerra Mundial, Wainer criou o *Suplemento Literário de Diretrizes*³ — um fascículo voltado à discussão de tópicos culturais, com ênfase na literatura nacional, e comercializado junto das edições regulares. Nele, saltava aos olhos do leitor tanto o desfile de figuras de proa do mundo literário da época quanto o bem-acabado projeto gráfico.

Neste artigo, examinaremos, de forma panorâmica, o conteúdo e o corpo de colaboradores do *Suplemento Literário de Diretrizes* (1939-1941). Nosso objetivo é propor algumas reflexões acerca dos motivos que suscitaram a empreitada: quais seriam os ganhos financeiros e simbólicos obtidos pelo editor? Em que medida a composição do *Suplemento* reflete o estabelecimento de redes de sociabilidade em torno do periódico? Haveria uma questão narcísica por parte dos que se reconheciam como jornalistas e escritores ao ver suas letras publicadas em folhas de revistas e jornais?

O *Suplemento* encontrava-se perdido, isto é, não era localizado em nenhum sebo ou arquivo público por décadas. Em 2019, a Biblioteca Nacional conseguiu resgatá-lo e o disponibilizou ao público, por meio da Hemeroteca Digital. A coleção, contudo, está incompleta: faltam os nº 1, 5 e 15, além de algumas páginas do nº 11. A catalogação, ressalta-se, também apresenta obstáculos ao pesquisador: há disposição incorreta de páginas; edições diferentes arquivadas como se fossem uma só; e embaralhamento de números dos exemplares nas pastas do arquivo virtual. Nosso primeiro esforço, portanto, foi ordenar esse material. Reconstituímos e organizamos cronologicamente os exemplares a partir das páginas disponíveis no arquivo, sempre com o cuidado de relacioná-los aos números regulares de *Diretrizes* juntos dos quais circularam originalmente.

Em seguida, a fim de sistematizar o *corpus* documental, prescindimos da tecnologia de reconhecimento ótico de caracteres (OCR), disponibilizada pelo site da Hemeroteca Digital. Considerando a má conservação dos exemplares, o precário processo de digitalização e as características inerentes a um impresso periódico (por

³ Doravante, para fins de fluidez do texto, referido como *Suplemento literário*, ou apenas *Suplemento*.



exemplo, a variedade de tamanho de caracteres e como estes podem se sobrepor às ilustrações), o uso dessa ferramenta resultaria em dados imprecisos. Optamos, assim, por um mapeamento manual, quer dizer, executado edição por edição, página por página, com vistas a construir um painel de matérias e colaboradores capaz de nos guiar pela integralidade do material. Após isso, passamos a uma análise qualitativa, examinando o conteúdo de cada texto publicado e, por conseguinte, o teor e os temas trazidos à baila, sobretudo nas seções fixas do fascículo.

Não pretendemos esgotar as questões norteadoras deste artigo, acima expostas, a partir do estudo exclusivo das páginas do *Suplemento*. Tendo isso em mente, mobilizaremos, oportunamente, em diálogo com nossa fonte principal e a fim de complexificar algumas das reflexões, memórias e biografias de colaboradores do impresso — em especial de seu editor, Samuel Wainer. Por fim, sublinhamos que nosso principal intento foi sistematizar o conteúdo do *Suplemento*, objetivando suscitar novas possibilidades de pesquisa acerca dos dois impressos — *Diretrizes*, em suas edições regulares, e seu *Suplemento*.

O nascimento e a importância dos suplementos literários

O Rio de Janeiro, no início do século XX, era uma cidade vibrante, repleta de diversas redes e locais de sociabilidade, como teatros, livrarias, redações de jornais, restaurantes e salões. Esses espaços formavam um “pequeno mundo” de variados grupos de intelectuais que se aproximavam e, por vezes, se estranhavam. Ao analisar essa dinâmica das rodas e círculos de letrados, Simone Silva destaca que elas eram redes de sociabilidade baseadas principalmente na amizade entre seus membros e nas trocas simbólicas. O tipo de relação ali estabelecido “não passava somente pela dimensão de um cálculo racional [dos seus membros]. Os dons trocados nesse mundo (...) tinham também e, em especial, um apego emocional e uma obrigação moral” (Silva, 2010, p. 201).

Trabalhar, ser repórter ou redator num suplemento literário, ou ser setorista do chamado “mundo das letras” em algum jornal é, pode-se dizer, ocupar um espaço de segunda classe na geografia e na conformação da redação de um periódico. A primeira classe ficaria para as notícias mais palpitantes, como política, economia e cidades — todas abrigadas no que se convencionou chamar de “Primeiro Caderno”. O que se segue a este caderno principal são os suplementos voltados à cultura, incluindo os esportes, que englobam as artes em todas suas manifestações, do teatro



à literatura. A despeito de ficarem em segundo plano, essas páginas conferem prestígio ao jornal, posto que comumente são assinadas por colunistas de vulto, em especial escritores reconhecidos pela intelectualidade nacional.

1. A tradição de publicações de suplementos culturais na imprensa nacional não é um fenômeno recente. Segundo Isabel Mauad, a prática de escritores veiculando suas obras em jornais remonta ao século XIX, quando

os suplementos, ou o que se dava a mais, originaram-se exatamente em páginas assim chamadas ou em rodapés de páginas, com a publicação dos folhetins. O conceito, portanto, não estava no separado em cadernos, no aspecto e encarte, mas no separado em páginas, colunas ou seções dentro do próprio jornal de tomo único. (Mauad, 1996, p. 50)

As inovações técnicas surgidas e o golpe que implantou a República no último quartel daquele século remodelaram a imprensa brasileira, que incorporou novas tecnologias no processo de editoração e impressão e superou gradativamente técnicas rudimentares, dependentes de trabalhos manuais especializados. As inovações dotaram os impressos de novos atributos textuais e estéticos — incluindo o uso de charges e fotografias, por exemplo — e de uma circulação cada vez mais eficaz e barata, em virtude do processo de impressão. Esses aspectos demonstravam uma convergência da comunicação em massa com os novos ares modernos, que encontravam no rádio, no cinema, nos bondes elétricos e nos automóveis alguns de seus símbolos mais proeminentes.

A incorporação dessas novidades demandava um preço alto a ser pago, no entanto, o que se refletia na viabilidade financeira de uma publicação que desejasse vencer o mal da efemeridade e construir um público leitor fiel. Tratava-se de um momento no qual a imprensa convertia-se gradativamente, segundo Maria Lourdes de Eleutério (2008), num empreendimento dependente de um tripé básico: a evolução técnica do impresso; o investimento na alfabetização; e os incentivos à aquisição e/ou fabricação de papel. Tendo em mente esse contexto, os suplementos podem ser interpretados como um instrumento de diferenciação de um periódico no mercado, que ofertava um “algo a mais” ao leitor e, a partir disso, fidelizava-o.

Alzira Abreu explica que os suplementos de arte e literatura eram publicados nos finais de semana (prática ainda permanente), porque acreditava-se que, nesses



dias, o leitor dispunha de mais tempo para se dedicar a assuntos de menor apelo, bem como fugia das pautas habituais — quer dizer, acidentes, crimes, corrupção, etc.

A origem de alguns suplementos literários se encontra nas páginas ou suplementos femininos, onde se misturavam receitas culinárias, moda, assuntos infantis e poesia, como é o caso do Jornal do Brasil, do Diário de Notícias e do Diário Carioca, entre outros. Os suplementos estavam voltados para a vida familiar; a mulher era ainda nessa década a grande consumidora da produção literária, de poesias, crônicas, romances. Muitos escritores tinham basicamente no público feminino os seus leitores, como Érico Verissimo. (Abreu, 1996, p. 21).

Sob esse prisma, nos finais de semana, os suplementos encontrariam mais leitores, além de amenizarem as notícias regulares, dos dias úteis, mais duras. Nas palavras de Nelson Werneck Sodré, a literatura e a arte eram vistas como atividades destinadas exclusivamente ao “lazer, à pausa, à ociosidade, coisa domingueira, aos dias em que, com a trégua no trabalho, é possível cuidar de alguma coisa sem importância, gratuita fácil e vazia” (Sodré, Nelson Werneck *apud* Abreu, 1996, p. 20).

Contrapondo-se a essa visão e concedendo mais importância às letras, Abreu traz à luz a perspectiva de Silviano Santiago, para quem os suplementos gozam de valor simbólico, posto que são responsáveis pelo aumento de prestígio e visibilidade de artistas e colaboradores. Nas palavras de Santiago,

o jornal criou semanalmente para o escritor e a literatura um lugar muito especial – o suplemento literário. (...) Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. (...) A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias de semana a preencher o lazer do *weekend* de maneira inteligente. (Santiago, Silviano *apud* Abreu, 1996, p. 20)

Os suplementos apresentavam essa proposta de lazer e reflexão, uma vez que as letras dividiam espaço com exposições, peças de teatro e cinema. Mais importante do que isso, no entanto, é assinalar que, nos anos 1930-40, as redações serviam de plataforma de encontro entre diferentes redes de sociabilidade. Assim, nos suplementos encontravam-se os mais diferentes estilos e origens de escritores, poetas e literatos. Conforme vimos, muitos letrados de renome, como Jorge Amado e Graciliano Ramos, precisavam trabalhar em jornais para sobreviver, mas o ímpeto pela escrita permanecia na aventura cotidiana e na socialização com os companheiros de labuta. Sobre essa dinâmica, Muza Velasques explica:



É para o leitor atual uma surpresa abrir um suplemento literário que podia ter 16 páginas e reunir os mais importantes escritores brasileiros daquele momento. Alguns deles atuaram como colaboradores regulares e muitos possuíam colunas fixas, em que a crítica literária era o carro-chefe. Nas edições também não faltaram prosa e poesias originais, de autores consagrados ou promissores estreantes. (Velasques, 2000, p. 131)

Para Isabel Travancas, cuja perspectiva subscrevemos, essa abertura de pensamento proporcionada pelos suplementos ostenta um valor intrínseco, uma vez que eles

transmitem uma ideia de livro e de literatura e significam prestígio para os jornais e status para quem trabalha neles. São frequentes os casos de suplementos literários deficitários, cuja receita de publicidade não chega a cobrir o seu custo. Mas a relação custo-benefício para um jornal, assim como para uma sociedade, não se mede apenas pelo seu valor financeiro. É como se o jornal se valorizasse na valorização do leitor. (Travancas, 2001, p. 36)

As discussões sobre política, crimes, cotidiano das cidades e do mundo não passavam pelas páginas dos suplementos. Ali era o espaço de lazer, com direito a páginas mais livres, inclusive, na edição e diagramação executadas.

Os suplementos de caráter cultural estiveram, por muitos anos de sua trajetória, mesclados entre literários e culturais-entretenimento-variedades. (...) o suplemento da Gazeta de notícias de 1909, por exemplo, é essencialmente cultural-de-entretenimento-variedades, sem descartar o literário. Os suplementos literários, por sua vez, também não descartavam as artes em geral — dedicando espaço ao teatro, música, discussão de folclore etc. — assim como os temas históricos. (Mauad, 1996, p. 15)

Sodré trata brevemente da literatura no início do século XX em *História da imprensa no Brasil* (1983). Ao examinar alguns textos do crítico José Verissimo, ele relata a importância das livrarias, especialmente na rua São José, no centro do Rio, e menciona a Quaresma, endereço no qual escritores se promoviam reuniões nos fins de tarde. Sobre a utilização da imprensa pelos literatos, sustenta que

os homens de letras buscavam encontrar no jornal o que não encontravam no livro: notoriedade em primeiro lugar; um pouco de dinheiro, se possível. O Jornal do Comércio pagava as colaborações entre 30 e 60 mil réis; o Correio da Manhã, a 50. Bilac e Medeiros e Albuquerque, em 1907, tinham ordenados mensais, pelas crônicas que faziam para a Gazeta de Notícias e O País, respectivamente. (...) No inquérito organizado por Paulo Barreto, e depois reunido no volume *O Momento literário*, uma das perguntas era esta: “O jornalismo especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a



arte literária?” A maioria respondeu que bom, naturalmente. (Sodré, 1983, p. 292)

Itala Maduell Vieira e Phellipy Jácome acentuam essa importância das letras como fonte de informação, de notícia:

Para Mauad, a eclosão de suplementos literários nos anos 1930/40 está diretamente ligada à importância da literatura como informação, reflexão, fruição e especialmente status. “Profissionais de todas as áreas se dedicavam às letras, e a literatura impregnava o jornalismo. Tanto que posteriormente, teria que se desprender em um jornal em separado” (Mauad, 1996, p. 62). Nos anos 1920, intensificara-se a circulação de jornais e revistas literários em todo o país. Para não perder espaço, os jornais tratam de lançar seus suplementos. Na virada para a década de 1930, o *Correio da Manhã* teve um suplemento dominical em que publicava artigos de Graça Aranha, seções de música e assuntos femininos, “teatro no estrangeiro”. Nele foi reproduzido o Manifesto da Poesia Pau-Brasil de Oswald de Andrade, em 18 de março de 1924. No *Jornal do Commercio*, o Mensário reunia farta colaboração literária e histórica, incluindo resenhas de livros (Mauad, 1996, p. 63). Nos anos 1930 e 1940, destacavam-se principalmente os suplementos de *Correio da Manhã* (2ª Secção), com o rodapé de crítica literária de Álvaro Lins, artigos e poemas de Otto Maria Carpeaux, Jorge de Lima, Mário de Andrade, Rachel de Queiroz, João Condé e Abgar Renault; *Diário de Notícias* (Suplemento 1º – Letras, Artes, Variedades, que passaria a Letras, Artes, Ideias Gerais em 1945); *A Manhã* (Autores e Livro de Letras e Artes) e a *Revista de O Jornal*, com o crítico Agripino Grieco. (Jácome, Vieira, 2019, [s.p])

Sodré elenca os autores que participaram em colunas, resenhas críticas ou com notícias de diversos jornais do início do século, mas sua pesquisa não segue além dos primeiros anos do século XX; contudo, ele oferece um panorama do vigor e das polêmicas daquele período – possivelmente inaugurando o que se tornaria uma tradição nos meios literários em décadas subsequentes. Em entrevista a Isabel Mauad, Sodré afirmou que não havia suplementos literários no Brasil no século XIX:

Os suplementos no Brasil são dos anos 30. E apesar da grande influência francesa em todas as áreas do país – nossas letras eram um filão da literatura francesa – por mais paradoxal que pareça, os jornais que mais influenciaram os suplementos brasileiros foram os argentinos *La Prensa* e *La Nación*. Os suplementos culturais destes jornais eram dominicais e publicavam os grandes autores espanhóis e também franceses. (Sodré, Nelson Werneck *apud* Mauad, 1996, p. 50)

Mauad (1996) afirma que os suplementos mais destacados nos anos 1930 e 1940 foram os do *Correio da Manhã*, do *Diário de Notícias*, de *A Manhã* e do *O Jornal*. Diretrizes, infelizmente, não foi arrolada no trabalho, o que pode ser explicado por se tratar de um suplemento de revista – fugindo, assim, do escopo



original da pesquisa, circunscrita aos jornais — e pelo fato do *Suplemento* ter sido encontrado e disponibilizado para consulta, conforme mencionamos, apenas recentemente.

Em síntese, o suplemento de um periódico funcionava como um “algo a mais” que se acrescenta a um todo. Retornando a Silviano Santiago, interessa aos impressos ostentar, entre seus quadros e cadernos, espaços destinados à prática literária e ao trabalho dos escritores:

O jornal criou semanalmente para o escritor e a literatura um lugar muito especial. Vale a pena deter-se um minuto na lógica do “suplemento”. Complemento é parte de um todo, o todo está incompleto se falta o completo. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento o todo continua completo. Ele apenas ficou provado de algo a mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser esse algo a mais que fortalece semanalmente os jornais, através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias da semana a preencher o lazer do weekend de maneira inteligente. O suplemento tem também a sua raiz fincada no emprego do tempo burguês: a notícia que transmite a ação ocupa o burguês durante os dias de trabalho, enquanto a matéria literária que reclama o tempo da contemplação o envolve durante os dias de lazer. (Santiago, 1993, p. 14)

A citação acima nos ajuda a refletir sobre os aspectos que tornam um suplemento literário importante para um periódico. Um suplemento pode até não suscitar apelo entre um público mais amplo e, assim, não contribuir diretamente para o aumento das vendas. Todavia, ele estabelece pontes entre a intelectualidade e a produção literária, além de fomentar uma dinâmica de economia simbólica, angariando uma benesse ao periódico que se reverte, nas palavras de Heloisa Pontes, numa “distinção que [os editores] adquirem junto ao meio intelectual, artístico, literário e editorial da época” (Pontes, 1988, p. 68).

Além dessa dinâmica simbólica, para os profissionais da redação de *Diretrizes* havia a possibilidade de conviverem com autores renomados — como Álvaro Moreyra, José Lins do Rego, Álvaro Lins, Marques Rebelo, Anibal Machado, Jorge Amado, entre tantos outros — o que, certamente, era um alento, sobretudo naqueles tempos de ditadura varguista.

Nesse sentido, não é fortuito que Samuel Wainer, em suas memórias, faça menção aos regulares encontros entre os colaboradores de *Diretrizes* que ocorriam, após o expediente, no bar Amarelinho, na Cinelândia (Wainer, 1988, p. 50). Este é um exemplo significativo de como, costurando autores, poetas, ensaístas e repórteres



da área da cultura, uma sociabilidade se impunha às redações de periódicos, cujos integrantes continuavam suas conversas depois dos fechamentos das edições em bares próximos à sede da revista, ou em cafés espalhados pela cidade. As redações de jornais têm tradição de constituírem um espaço de convivialidade e sociabilidade único. O trabalho com notícias e atualizações costuma ser sedutor, não somente pelas novidades, como pelas problematizações, piadas e até mesmo – ousamos adiantar – uma sensação dos grupos de pertencerem ao cotidiano da vida, como parte das notícias que vão impactar sua audiência.

Abreu examinou essa sociabilidade intensa nas redações, especialmente quando se trata de suplementos:

Os suplementos literários formaram redes de sociabilidade para muitos intelectuais na década de 50, e juntamente com os cafés, os salões, as revistas literárias e as editoras, permitiram a estruturação do campo intelectual. Aí se encontravam grupos de amigos, muitos originários de uma mesma região ou cidade; aí se exerciam influências, se manifestavam antagonismos, rivalidades e ocorriam cisões. Aí se cruzaram várias gerações, nascidas entre 1880 e 1930. A maioria dos jornais abrigou tanto os intelectuais da geração nascida no final do século passado como os das décadas de 10, 20, e 30. Na segunda metade da década de 50, alguns jornais incorporaram colaboradores da geração mais jovem os nascidos entre 1920 e 1930 (Abreu, 1996, p. 23).

De fato, a geração que fazia parte do plantel do *Suplemento Literário de Diretrizes* tinha afinidades — e, inclusive, muitos vinham de uma mesma região do Brasil, tanto do Nordeste quando do Rio Grande do Sul. As amizades entre escritores, jornalistas e repórteres foram sendo tecidas entre o ritmo das máquinas de escrever, as mesas de trabalho e o momento do cafezinho, pausa perfeita para um debate efervescente. Muito escreviam para diversas publicações e buscavam sua subsistência em diferentes jornais ou revistas. Anos depois, esses grupos consolidaram-se em outras redações. Este processo continua, de certa forma, até os dias de hoje, ainda que com menos intensidade — sobretudo por conta das mudanças nas vidas das redações e dos trabalhos em linha.

Um novo suplemento na praça

Nos bastidores da produção do *Suplemento Literário de Diretrizes*, havia um corpo notável de colaboradores: Adalgisa Nery, Cecília Meirelles, Jorge Amado, Manuel Bandeira, José Lins do Rego, Emil Farhat, Joel Silveira, Octávio Malta, Mário



de Andrade, Carlos Lacerda, Graciliano Ramos e Álvaro Moreyra, apenas para mencionar os mais conhecidos.

Os expedientes da segunda e terceira edições creditam Vito Pentagna como diretor; Augusto de Almeida Filho e Caio Tácito como redatores; e Augusto Rodrigues como ilustrador⁴. No nº 8, de junho de 1940, é informado que, com exceção de Rodrigues, todos eles deixaram o impresso. Os nomes dos substitutos não são relacionados; à época, *Diretrizes* era dirigida por Samuel Wainer e Moacir Werneck de Castro, e tinha Remy Fonseca como seu redator-chefe.

O surgimento do *Suplemento Literário* é um indicativo da vocação literária ostentada pela revista. Desde seu nascimento, em abril de 1938, as edições regulares já traziam seções dedicadas à crítica literária e teatral, usualmente impressas em seu último terço. A criação do *Suplemento*, portanto, reflete a iniciativa do editor de ampliar os espaços para os colaboradores de verve literária, numerosos na redação, bem como mantê-los próximos à revista.

Além disso, o aparecimento do fascículo sugere uma tentativa de consolidar mais um diferencial de *Diretrizes* no mercado, posto que suplementos eram incomuns em revistas — tratava-se, como vimos, de uma prática mais comum entre os jornais. Tudo indica que o *Suplemento* foi arquitetado para ser um espaço de diversão, lazer e polêmica entre intelectuais e entre os leitores. Ou seja, uma forma de colocar sob os holofotes desde autores estreantes a veteranos; de prestigiar os jornalistas; e de fomentar a expansão de uma rede de sociabilidade de diferentes matizes à esquerda numa conjuntura adversa.

Mesmo após o encerramento do *Suplemento*, *Diretrizes* permaneceu destinando considerável espaço à cultura, da literatura aos esportes. Além das seções destinadas à crítica literária, teatral e artes plásticas, a revista passou a publicar o folhetim “Brandão, entre o mar e o amor”, escrito a dez mãos por Raquel de Queiroz, Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Aníbal Machado⁵. A empreitada não apenas reforçava a insistência na verve literária da revista, como também ostentava apelo comercial e simbólico, posto que visava conquistar e cativar uma ampla gama de leitores a partir da notoriedade dos autores.

⁴ Também havia ilustrações ocasionais de Augusto Pinho, Di Cavalcanti, Oswald de Andrade Filho, Tereza D’Amico, Carlos Scliar e Tomás Santa Rosa.

⁵ A novela foi publicada em capítulos, entre agosto de 1941 e fevereiro de 1942, posteriormente reunidos em um livro pela Editora José Olympio.



Diretrizes voltaria a publicar suplementos variados (notícias internacionais, esportes, literatura), entre 1943 e 1944; contudo, eles eram impressos no interior das edições semanais, tinham regularidade vacilante e poucas páginas — ou seja, funcionavam mais como “cadernos” especiais, conjuntos de seções dedicadas a determinados temas, no interior da própria revista, do que como suplementos independentes e avulsos, como o extinto *Suplemento Literário*.

Considerando que *Diretrizes* logrou sobreviver por mais de seis anos sob o Estado Novo, o *Suplemento* teve vida relativamente curta: ao menos 15 edições chegaram às bancas, entre outubro de 1939 e janeiro de 1941. Ele foi editado mensalmente até dezembro de 1940, quando, a exemplo de *Diretrizes*, tornou-se semanal; porém, é extinto pouco tempo depois, em janeiro de 1941, coincidindo com um hiato na circulação da revista, que perdura até março.

O fim do *Suplemento* provavelmente se deve a uma soma de fatores, dentre os quais se destacam: 1. As adequações da redação à nova dinâmica de feitura de uma revista semanal; 2. A prioridade dada por Samuel Wainer às grandes reportagens de cunho político, que se tornariam o carro-chefe da revista; 3. A alta nos preços do papel, efeito deletério da guerra sobre um insumo que era importado e controlado pelo governo.

A média de páginas do *Suplemento* variava entre doze e dezesseis, com exceção do nº 3, de janeiro de 1940, que apresenta vinte e quatro. Era impresso na Gráfica Guarani, propriedade de Brabner & Mello Ltda., majoritariamente em preto e branco. As cores eram reservadas para a primeira e última páginas, que ostentavam o título do fascículo no cabeçalho, sobre um fundo vermelho-vivo — replicando o grafismo das capas das edições regulares.

A diagramação, em geral, seguia aquela observada em *Diretrizes*, com três a cinco colunas de texto; todavia, no *Suplemento*, todas eram usualmente ocupadas por somente uma colaboração. Havia, também, mais espaço para inovações na disposição dos conteúdos, como páginas ocupadas inteiramente por ilustrações de Augusto Rodrigues, na companhia de poemas. Seções destinadas às artes plásticas, por seu turno, eram vastamente ilustradas por fotografias.

Cada edição estampava, na página inicial, a caricatura de um intelectual, assinada por Augusto Rodrigues: Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Anibal Machado, Adalgisa Nery, Érico Veríssimo e José Lins do Rego foram alguns dos homenageados. Além de poemas, contos, crônicas e excertos



de livros, o *Suplemento* contava com seções fixas, sendo as principais: “Aqui, ali, acolá”, um apanhado de notas relatando novidades no mundo da cultura, da literatura ao cinema; “Notas bibliográficas” e “No mundo das letras”, com resenhas de livros recém-lançados; e “Ecos do mundo”, uma miríade de parágrafos opinativos sobre os principais acontecimentos no mundo literário. Os colaboradores mais frequentes do fascículo foram Álvaro Moreyra (7 textos assinados), Carlos Lacerda (6), Joel Silveira (6), Oswald de Andrade Filho (3) e Vito Pentagna (3).

Ao comentar o lançamento do *Suplemento* em seu segundo número, de novembro de 1939, Graciliano Ramos (1939) reforça a despretensão com que o impresso chegara às bancas. Embora ratifique que a missão do *Suplemento* deveria ser a “defesa da cultura e da inteligência, isso sem considerá-las propriedade privada, torre de marfim de uso exclusivo nosso”, congratula-o por ter sido lançado “em silêncio, sem anúncio, sem foguete”, dispensando um discurso autocomplacente — tão comum em lançamento de periódicos — que, segundo o escritor, “saiu fora de moda, ninguém mais faz, ninguém mais ouve” (Ramos, 1939, p. 1).

Em agosto de 1940, um editorial sem autoria, intitulado “Centro de página” (1940), reafirmaria as convicções que guiavam o programa do *Suplemento*: “a defesa da cultura e da literatura brasileiras contra as várias forças desagregadoras que, de quando em vez, tentam esmagar essa cultura em formação, essa literatura em começo” (p. 2). O cerne do texto é o repúdio à ideia de uma arte para fins puramente estéticos, contrapondo a essa perspectiva a necessidade de engajamento público do intelectual e sua aproximação do povo — tópicos basilares na linha editorial de *Diretrizes*, de forma mais ampla.

Neste momento do mundo de tantas mudanças bruscas e violentas não pode causar excessivo espanto ver homens que até ontem defendiam em matéria literária princípios que se estavam firmando, que aproximaram a literatura brasileira do povo, que criaram para ela um público, princípios que humanizaram essa literatura e lhe deram grandeza, ver que esses homens, veem agora pregar a volta a tudo que era isolamento do artista, torre de marfim, o criador acima das vulgares criaturas humanas. Outros nomes dão a estas velhas teorias. Mas é frágil a máscara e doloroso esse carnaval. (CENTRO DE PÁGINA, 1940, p. 2)

Em novembro, no editorial “Um ano” (1940), também sem autoria, o impresso faria um novo balanço de sua existência e renovaria os votos de Graciliano Ramos. Dispensava, novamente, o discurso autocongratulatório; em seu lugar, optava por



simplesmente elencar uma irrepreensível lista de autores que já haviam passado por suas páginas. Ao fim, ratificava:

O Suplemento nasceu sem barulho e completa o seu primeiro aniversário também silenciosamente. Toda a sua longa vida de doze longuíssimos meses está concentrada na bibliografia que aqui publicamos. Parece-nos que esta é a melhor referência que podemos dar sobre o primeiro ano de vida do nosso Suplemento Literário. Antes, ninguém acreditava na possibilidade de sua existência. Quantos serão os que agora duvidam? Devem ser poucos, porque do contrário o “Suplemento Literário” de há muito já teria deixado de existir. Por isso, nossos parabéns aos que acreditam. (UM ANO, 1940, p. 2)

A exemplo de *Diretrizes*, as reportagens — uma das grandes paixões de Wainer — também encontravam espaço nas páginas do *Suplemento*, na forma de perfis de literatos e entrevistas com intelectuais brasileiros e estrangeiros de passagem pelo Brasil. Destacamos, a seguir, três delas.

No nº 10, de julho de 1940, a matéria “Oswald de Andrade, candidato do povo à Academia Brasileira de Letras” (1940) discorre sobre a possibilidade de eleição do modernista para uma cadeira entre os imortais da Casa de Machado de Assis. Para opinar a respeito, o repórter, não identificado, conversa com o postulante. Andrade, contudo, demonstra certa indiferença em relação à candidatura e aos tradicionais ritos de campanha, que incluem a conquista da simpatia dos acadêmicos a partir de almoços, reuniões, cartas, etc.

A julgar pela sua primeira declaração ao repórter, Andrade acreditava que não era bem-quisto na Academia Brasileira de Letras: “O meu destino é de um paraquedista que se lança sobre uma formação inimiga: ser estraçalhado” (OSWALD DE ANDRADE..., 1940, p. 9). No fim da matéria, o jornalista do *Suplemento* se permite uma blague:

Oswald ri a sua alegre gargalhada que tem sido a sua maior arma e esclarece:

— Pedirei os votos aos acadêmicos, como é protocolar, mas por carta aberta que será enviada pessoalmente a cada um e amplamente divulgada pela imprensa.

Essa carta que será publicada em breve foi mostrada ao repórter e ela começa mais ou menos assim: “Sr. Acadêmico: Talvez, por acaso, o sr. seja um dos raros homens inteligentes da Academia...”

O repórter não garante que as palavras sejam estas, mas este é o seu sentido.

Quantos votos terá Oswald de Andrade? O repórter está apostando que nenhum. (OSWALD DE ANDRADE..., 1940, p. 9).



Na mesma edição, Joel Silveira publica a reportagem “Como eles escrevem”, sobre as preferências e diferenças de literatos durante a escrita de uma colaboração para a imprensa ou de um novo livro. O trecho que mais chama a atenção, contudo, é aquele em que o repórter discorre sobre as adversidades do próprio ofício:

Repórter de jornal, minha vida, nestes três anos, tem-se resumido em perguntar e ouvir. Já perguntei e ouvi diversas perguntas e respostas sobre os mais diversos fenômenos. Cantores de rádio, jogadores de futebol, senhoritas de Copacabana e Ipanema, sambistas do Café Nice, literatos da José Olympio, literatos do café Amarelinho, rapazes do Norte e de Pelotas, todos eles têm-me contado coisas e perguntado outras.

Repórter é um homem que telefona a alguém prevenindo que vai em sua casa indagar de algo. A coisa é tão rápida que as celebridades nem tempo têm de mudar de roupa. Recebem sempre de pijama, com a cara meio amassada do sono ou da farra anterior e respondem mais ou menos com dispepsia. (Silveira, 1940a, p. 11)

Também da lavra de Silveira, merece lembrança a reportagem “24 horas da vida de uma datilógrafa”. Nela, relata a trajetória de uma mulher pobre, cuja vida se resume a uma jornada de trabalho exaustivo e mal remunerado, com vistas a sustentar a si própria, a mãe e o irmão doente. No encerramento, escancara-se a desigualdade social e, por conseguinte, a miséria em que boa parte do povo brasileiro vivia:

Aqui está meus senhores, a vida da datilógrafa Cândida. A datilógrafa Cândida filha de um português de Trás-dos-Montes e de uma brasileira da Rua São Francisco Xavier. Vida dura da datilógrafa Cândida, sei bem que ela merecia coisa mais séria do que esta reportagem. No entanto, falta-me coragem e prestígio para dar uma entrevista e condenar pelos jornais o ordenado da datilógrafa Cândida. Me conformo em mostrar aos amáveis leitores o que é uma vida dentro de quatrocentos mil réis mensais, com irmão doente me casa, uma mãe e um fogão encrascado. Tudo isso num bairro distante. (...) Peço uma palavra de bondade e de carinho para a datilógrafa Cândida. Já que é impossível conseguir para ela um ordenado melhor. (Silveira, 1940b, p. 11)

Foi a estreia de Joel Silveira na redação de *Diretrizes* e o início de uma trajetória de sucesso. Nos meses seguintes, ele migraria para as páginas da edição regular, tornar-se-ia homem de confiança de Wainer e conquistaria destaque pelas reportagens com denúncias sociais e pela ironia ferina de seus textos⁶.

⁶ Sua reportagem mais conhecida em *Diretrizes* foi “Grã-finos em São Paulo”, na qual expunha o luxo e a frivolidade esbanjados pelas elites paulistanas, contrastando-os com a dura realidade dos trabalhadores brasileiros.



Além das reportagens, os inquéritos — isto é, enquetes com intelectuais sobre assuntos em voga — também gozavam de destaque nas páginas do *Suplemento*. O mais polêmico deles saiu no nº 7: um debate sobre a pertinência das críticas feitas por Jorge Amado a uma edição da *Revista Acadêmica* sobre Cândido Portinari. Em linhas gerais, a querela ocorreu porque o romancista baiano, na qualidade de redator-chefe de *Dom Casmurro*, publicou um artigo questionando o caráter obsequioso da homenagem feita pela *Acadêmica* ao pintor — e, repetidamente, relacionando-a ao fato da revista ter recebido verba do Ministério da Educação e Saúde para a confecção da edição. O *Suplemento Literário*, então, decidiu abrir suas páginas para que os intelectuais que haviam participado da homenagem respondessem às críticas de Amado e deu a este o direito à tréplica (DEBATE..., 1940). A polêmica foi tamanha que, além de render cinco páginas de troca pública de farpas entre intelectuais que frequentavam as mesmas redações, o assunto rendeu até a edição seguinte, na qual se encontram cartas abertas de Murilo Miranda, diretor da *Acadêmica*, defendendo seu periódico, e Joel Silveira, abraçando a causa de Amado (AINDA O DEBATE..., 1940).

Também é importante ressaltar que duas matérias de destaque veiculadas pelo *Suplemento* destoavam de seu conteúdo habitual. A primeira delas veio à luz em agosto de 1940, no contexto da campanha de divulgação do censo, promovido por *Diretrizes* já há alguns meses. O *Suplemento* publicou um amplo inquérito sobre a importância da iniciativa e a necessidade de colaboração da população ao responder as perguntas propostas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Participaram intelectuais e artistas, como José Lins do Rego, Procópio Ferreira e Santa Rosa, além de nomes da elite política e militar, como Góis Monteiro e interventores (OS POVOS..., 1940). Cartazes de propaganda sobre a importância do censo de 1940 ilustraram as páginas de abertura e encerramento do fascículo.

A segunda matéria que merece atenção apareceu no número seguinte, de setembro de 1940, intitulada “Nasce um navio nos estaleiros do Brasil”. O teor da reportagem era consonante à linha editorial de *Diretrizes*, posto que exaltava a industrialização do país a partir de um verniz nacionalista. O que nos causa estranheza é a decisão de publicar a matéria integralmente no *Suplemento*, além de trechos que soam demasiadamente propagandísticos ao relacionarem diretamente,



por exemplo, a chamada “Revolução de 30” ao fato noticiado⁷. Diante disso, não seria exagero conjecturar que Samuel Wainer tenha usado o *Suplemento Literário* de forma estratégica, em alguma medida, como espaço para inclusão (ou descarte) de matérias abordando pautas impostas pelo DIP e/ou de teor propagandístico.

As seções fixas do *Suplemento Literário*

Para além das reportagens especiais e inquéritos, o *Suplemento* trazia um vasto número de poemas, contos, crônicas e excertos de livros. Completando a miríade de conteúdos em suas páginas, havia também algumas seções fixas, às quais passamos agora.

Em treze das quinze edições do *Suplemento*, a seção “Aqui, ali, acolá” apareceu na segunda página, sem assinatura. Tratava-se de um espaço destinado às notícias nacionais e internacionais, em geral na forma de parágrafos curtos, sobre o mundo da cultura, da literatura ao cinema. A variedade de assuntos impressiona: entrega de prêmios literários, novas edições de romances, lançamentos de obras, mudanças nas redações de periódicos culturais da capital, exposições de arte, etc.

Ao estudarem essa seção, Joëlle Rouchou e Carla Nogueira observaram que a Segunda Guerra Mundial é um tema que atravessa grande parte do noticiário, em particular quando são relatadas as atividades literárias na Europa. Era dado mais destaque, entretanto, à produção literária brasileira, ao passo que as notícias sobre os países hispano-americanos ficavam em segundo plano.

Tendo em vista o início da Segunda Guerra, a seção noticiava a dinâmica literária vivida em diferentes países, dando ênfase ao contexto nacional, além de regularmente comentar sobre Estados Unidos e Europa. Aparecem também novidades dos diferentes países da América Latina, apesar de em menores quantidades como, por exemplo, México, Argentina e Bolívia. (...) Os países estrangeiros que mais aparecem são: França com oito aparições; Estados Unidos com seis; e o México sendo mencionado três vezes. A América do Norte e a Europa aparecem de forma equivalente em Aqui, Ali, Acolá. Em meio ao início da Segunda Guerra, cada região vivia uma rotina diferente. (Rouchou, Nogueira, 2020, p. 138-139)

⁷ Sobre o movimento que alçara Vargas ao poder, lê-se na matéria “Nasce um navio em estaleiros do Brasil”: “Uns a classificaram de simples movimento. Outros de mera insurreição. Outros ainda de pura substituição de homem. Uns poucos deram-lhe o único nome que merecia: revolução. Sim, foi uma revolução, uma autêntica revolução o que se passou no dia 24 de outubro de 1930. E se ainda dúvida disso, leitor, se os 10 anos que se passaram ainda não puderam provar-lhe a realidade deste fato, permite-nos, acompanhe a marcha da revolução, deixe-se levar por ela para dentro do Novo Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras.” (NASCE UM NAVIO, 1940, p. 9)



“Ecos do mundo”, também sem assinatura, ostentava uma proposta análoga, porém mais centrada no que estava repercutindo na imprensa internacional. Uma das pautas principais eram as consequências da guerra sobre os intelectuais, abordando reiteradamente a perseguição dos regimes fascistas. Em edição de maio de 1940, por exemplo, a seção relata a dificuldade em obter notícias sobre a situação de letrados mundo afora, e apresenta um compilado atualizado sobre onde alguns deles se encontravam e suas respectivas ocupações: “Picasso mora na Côte d’Azur e vai com certa frequência a Paris. Rafael Alberti e Maria Teresa León partiram para Buenos Aires, de onde irão provavelmente ao Chile. Pablo Neruda chegou ao Chile há alguns meses, e viajará para o México em abril” (ECOS DO MUNDO, 1940a, p. 7).

Em agosto do mesmo ano, a seção aborda os efeitos da queda da França diante das tropas nazistas para o dramaturgo Henri Bernstein:

Chegou em princípios do mês passado aos Estados Unidos o conhecido teatrólogo francês Henri Bernstein, que veio da Inglaterra. O autor de “Le Secret” declarou: “Perdi tudo o que tinha na França inclusive os meus documentos, a minha casa, o meu teatro. Agora vou escrever as minhas memórias. Isso deve ajudar-me a reorganizar aqui a minha vida”. (ECOS DO MUNDO, 1940b, p. 6)

O nº 9, de julho de 1940, por sua vez, retrata como a imprensa estadunidense espelhava a divisão da sociedade quanto à possível entrada do país no conflito mundial:

Os meios intelectuais norte-americanos estão divididos em face da guerra, que tem dado motivo a inúmeros debates. (...)

A propósito de uma série de conferência aliadófilas (sic) do professor de História Fredrick Schuman, que previu que “estamos caminhando rapidamente para o fim da civilização ocidental” — o jornal “Record” publica um indignado artigo de fundo sob o título “Será isto educação?”, onde diz: — “Dia após dia, aula após aula, Schuman se embala com as suas próprias profecias... Ele viola inteiramente a ética da profissão de educar”.

Na Universidade de Harvard, membros do “Comité para a Descoberta de Generais de Sala-de-Aula” invadiram, de máscara contra gases, a aula do professor de História Paul Cram (intervencionista) e enviaram soldadinhos de chumbo de presente a cinco outros professores partidários da intervenção dos Estados Unidos na guerra. Na Universidade de Yale, 1.486 estudantes assinaram uma petição ao presidente Roosevelt no sentido de não ser enviado nenhum auxílio em homens, material ou dinheiro norte-americano para os aliados. (ECOS DO MUNDO, 1940c, p.8)

Ainda sobre os Estados Unidos, vale mencionar a seção “Lições da vida americana”, embora esta apareça em apenas dois números. Ela apresentava



transcrições de palestras promovidas pelo Instituto Brasil-Estados Unidos, geralmente sobre algum aspecto da sociedade estadunidense. Mário de Andrade discorreu sobre o tema “A expressão musical nos Estados Unidos”, em janeiro de 1940; já no último mês daquele ano, foi publicada uma conferência sobre as políticas públicas de educação levadas a cabo na terra do Tio Sam. Ressalta-se que a seção cumpria um papel importante de aproximação entre Brasil e EUA, uma pauta defendida enfaticamente por *Diretrizes* no ensejo do pan-americanismo. Não é fortuito, portanto, que “Lições da vida americana” tenha sido incorporada pelas edições regulares da revista, em virtude do seu papel programático.

Quanto às nações da América Latina, além de noticiário a respeito de sua atividade cultural, o *Suplemento* destinava espaço à produção literária desses países — o que pode ser observado, por exemplo, em “Imagens da América”, seção que publicava desde poemas e artigos do escritor mexicano Xavier Villaurrutia a reportagens sobre Hernandez Catá, ministro de Cuba, sobre o cenário literário deste país (Pentagna, 1939; Villaurrutia, 1939).

Por fim, vale ressaltar as seções de caráter exclusivamente literário “Notas bibliográficas” e “No mundo das letras”, com resenhas de livros recém-publicados. A segunda, por sinal, era assinada por Carlos Lacerda, então militante comunista e amigo próximo de Wainer. Em suas memórias, o editor de *Diretrizes* conta que a seção tinha o propósito de abrigar Lacerda na redação, após este cair em desgraça entre os comunistas por causa de uma reportagem de sua autoria sobre o Partido Comunista do Brasil. A matéria, em resumo, causou a intensificação da perseguição do Estado Novo aos militantes e simpatizantes do partido. Segundo Samuel Wainer,

Carlos aceitou fazer críticas literárias para a revista. Os comunistas da redação — e eram muitos — reagiram com indignação, mas mantive minha posição. Mesmo Moacir Werneck de Castro, que naquela fase era formalmente o diretor da revista, discordou da minha decisão, embora depois acabasse por aceitá-la, até porque era primo-irmão de Lacerda.

Carlos sofreu bastante com esse repúdio generalizado, do qual lhe ficaram feridas que jamais cicatrizariam. (Wainer, 1988, p. 72)

No comando da seção, Carlos Lacerda fez críticas elogiosas a obras de companheiros de redação e a livros hoje tidos como clássicos da literatura nacional, como *Riacho doce*, de José Lins do Rego. Aos (então) inimigos ideológicos, como Gustavo Barroso, destinava toda a virulência — aperfeiçoada nos anos seguintes e redirecionada a novos adversários políticos, incluindo Wainer. Ao comentar as



memórias do (ex-)integralista, Lacerda escreveu que “a preocupação de fazer constar sua vocação [de Barroso] para gênio desde a mais terna idade é flagrante (...). As reflexões têm um ar mofado e tardígrado de melancólico efeito (...)” (Lacerda, 1940, p. 10).

Considerações finais

O jornalista Joel Silveira nos legou um valioso depoimento sobre os cadernos culturais dos anos 1930-40. Ele trabalhou em *Diretrizes*, como já vimos, mas também colaborou com diversos outros periódicos durante sua carreira.

Em entrevista a Mauad, Silveira rememorou o ano de 1937, quando chegara ao Rio de Janeiro, vindo de sua cidade natal, Lagarto (SE). A vida cultural era intensa e havia dezenas de publicações literárias com publicações semanais e mensais; dentre elas, destaca *Dom Casmurro*, jornal onde começou a trabalhar na então capital federal e em cuja redação conheceu Álvaro Moreyra, que era redator-chefe, a quem apelidava de “doce Alvinho”. Ele retratou o ambiente de amizades, críticas e ironias, aspecto tão comum nas redações e nas memórias dos jornalistas, além de uma tradição que pode ser percebida até os dias de hoje (Silveira *apud* Mauad, 2024, p. 146-147).

Havia vários artigos, em *Diretrizes* e no *Suplemento*, nos quais os autores estabeleciam diálogos com intelectuais estrangeiros, ou mesmo se referiam a seus próprios amigos, muitos deles da mesma publicação. Exemplos dessa dinâmica constam numa mesma edição do *Suplemento*, o nº 8, de junho de 1940. Em entrevista exclusiva, intitulada “Uma voz do Pacífico para a inteligência do Brasil”, a poeta chilena Gabriela Mistral propõe intercâmbios culturais entre os intelectuais latino-americanos. A conversa é acompanhada de uma fotografia em tamanho grande da entrevistada, que não deixa de declarar seu amor ao Brasil: “Desde que deixei o Brasil não tenho aspirado outra coisa, não tenho desejado outra terra senão esta de vocês” (Mistral, Gabriela *apud* UMA VOZ..., 1940, p. 1).

Na mesma edição, o inquérito “A Guerra e os problemas da literatura” (1940) apresenta provocações a alguns dos intelectuais de vulto que orbitavam a redação. A partir de sete perguntas, o *Suplemento* inquiriu alguns literatos sobre temas que relacionavam a Segunda Guerra e a produção literária, tais como: as consequências do conflito mundial para a produção literária; o papel do escritor naquele contexto e em um futuro pós-guerra; se a literatura deveria ser ou não militante; e se os livros



estavam ameaçados pelo crescimento dos jornais, do cinema e do rádio. Participaram nomes como Aníbal Machado, Austregésilo de Athayde, Jayme de Barros, Peregrino Júnior e Álvaro Moreyra. Na edição seguinte, o debate continua, e respostas de diferentes letrados suscitam longas discussões, que perduram pelos números subsequentes. A sociabilidade dos bares emergia também das provocações editoriais do *Suplemento*, portanto.

Essa dinâmica, ressalta-se, pode ser complexificada a partir de estudos acerca da feitura das edições regulares de *Diretrizes*, com vistas a melhor delinear a linha editorial perseguida por Wainer, estratégias empregadas para driblar a censura, corpo de colaboradores, seções fixas, etc. Sempre que nos pareceu pertinente, buscamos transmitir aqui, ainda que de modo panorâmico, a riqueza jornalística e literária presente nas páginas do *Suplemento*. Todavia, tendo em mente nossos recortes e escolhas teórico-metodológicas, optamos por não abordar diretamente as edições regulares da revista, tampouco a recepção do *Suplemento* entre o público-leitor e a imprensa da época — o que demandaria, inclusive, acesso a outras fontes. De toda forma, faz-se necessário ratificar que há uma carência de pesquisas sobre esse periódico, as quais podem ser enriquecidas a partir de novas abordagens. As ilustrações reproduzidas no *Suplemento*, por exemplo, constituem um material vasto para, no futuro, ser objeto de um estudo com enfoque histórico-semiótico.

Suplemento para quem, afinal? Podemos afirmar que a produção de resenhas e colunas literárias, como aquelas veiculadas pelo *Suplemento Literário de Diretrizes*, além de prestígio intelectual para a publicação, trazia escritores para dentro da redação, formando um ambiente com temas de discussões enriquecedoras tanto para o grupo de jornalistas circunscritos às páginas do *Suplemento* como para a redação do periódico, como um todo. Essa mistura de leituras e fatos jornalísticos que tinham urgência em ser publicados nos dias seguintes gestava novas ideias aos leitores, que se informavam não somente pelos novos títulos das editoras, mas também por meio da crítica a essas novas obras.

Em suma, por meio do *Suplemento*, arquitetava-se uma dinâmica fundada no tripé jornalista-escritor-editor, a qual ensejava oportunidades e reflexões aos intelectuais presentes na redação — e, por que não, também aos leitores. Para o editor de *Diretrizes*, Samuel Wainer, pode-se afirmar que, para além dos ganhos simbólicos obtidos, o *Suplemento* representou uma oportunidade de plasmar sua paixão pela notícia, pelos fatos que ajudam a entender o cotidiano, com a leitura — atividade que



tinha em alta estima e considerava um dos bens maiores produzidos pelo homem. Editor, leitores e intelectuais envolvidos na feitura de uma edição: todos saíam ganhando.

Referências

A GUERRA e os problemas da literatura. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 15, jun. 1940.

AINDA O debate: duas cartas. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, pp. 12-13, jun. 1940.

CENTRO da página. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 2, jul. 1940.

DEBATE: sobre um número de homenagem e um tópico. **Suplemento literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, pp. 7-11, mai. 1940.

ECOS do mundo. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 7, p. 4, fev. 1940a.

ECOS do mundo. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 6, ago. 1940b.

ECOS do mundo. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, p. 8, jul. 1940c.

LACERDA, Carlos. No mundo das letras. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 10, abr. 1940.

NASCE um navio em estaleiros do Brasil. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, p. 9, set. 1940.

OS POVOS mais pobres são os que ignoram sua riqueza. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, pp. 2-9, ago. 1940.

OSWALD de Andrade, candidato do povo à Academia Brasileira de Letras. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 9, jul. 1940.

PENTAGNA, Vito. Imagens da América. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, pp. 5-6, nov. 1939.

RAMOS, Graciliano. Conversa de livraria. **Suplemento Literário de Diretrizes** Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 1, nov. 1939.

SILVEIRA, Joel. Como eles escrevem. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, p. 11, jul. 1940a.

SILVEIRA, Joel. 24 horas da vida de uma datilógrafa. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 11, abr. 1940b.



UM ANO. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 13, p. 2, nov. 1940.

UMA VOZ do Pacífico para a inteligência do Brasil. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, p. 1, jun. 1940.

VILLAURUTIA, X. Imagens da América. **Suplemento Literário de Diretrizes**, Rio de Janeiro, ano I, n. 2, p. 6, dez. 1939.

WAINER, Samuel; NUNES, Augusto (Org.). **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. Rio de Janeiro: Record, 1988.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira A. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: RAMOS, Plínio et alii (Orgs.). **A imprensa em transição**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

AMADO, Jorge. **Navegação de Cabotagem**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

ELETÉRIO, Maria Lourdes de. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. E-book. [s.p.]

JÁCOME, Phellipy; VIEIRA, Itala Maduell. O lado B do jornalismo: como os cadernos culturais entram na história. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 03, p. XX-XX, dez. 2018/ mar. 2019.

MAUAD, Isabel. **Suplementos literários e cadernos culturais**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

MAUAD, Isabel. Da origem dos suplementos literários e cadernos culturais: origens no Brasil e trajetória no Rio de Janeiro. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

NOGUEIRA, Carla Araújo de Macêdo; ROUCHOU, Joëlle. Aqui, Ali, Acolá: o espaço nas notícias no Suplemento Literário Diretrizes. In: GOMES, Daniel Machado. GOMES, Maria Paulina (Orgs.). **Coletânea de artigos apresentados na Jornada de Iniciação Científica de 2020**: Jornada Virtual. Rio de Janeiro: Facha Ed., 2020, pp. 135-147.

PONTES, Heloísa. Retratos do Brasil: Um estudo dos editores, das editoras e das Coleções Brasileiras, nas décadas de 1930, 40 e 50. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, [s.l.], v. 26, 1988, pp. 56-110.

SANTIAGO, Silviano. Crítica Literária e jornal na Pós Modernidade. **Aletria**, [S.l.], v. 1, p. 11-17, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17612>. Acesso em: 20 mai. 2025.

SILVA, Simone. As “rodas” literárias no Brasil nas décadas de 1920-30: troca e obrigações no mundo do livro. **Latitude**, Maceió, v. 2, n. 2, p. 182-210, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

TRAVANCAS, Isabel. **O livro no jornal**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.



VELASQUES, Muza Clara Chaves. Homens de letras no Rio de Janeiro nos anos 30 e 40. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

VIEIRA, Itala Maduell. JB, um paradigma jornalístico: memória e identidade em narrativas míticas sobre o Jornal do Brasil. Tese de Doutorado. Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2019.



Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.